



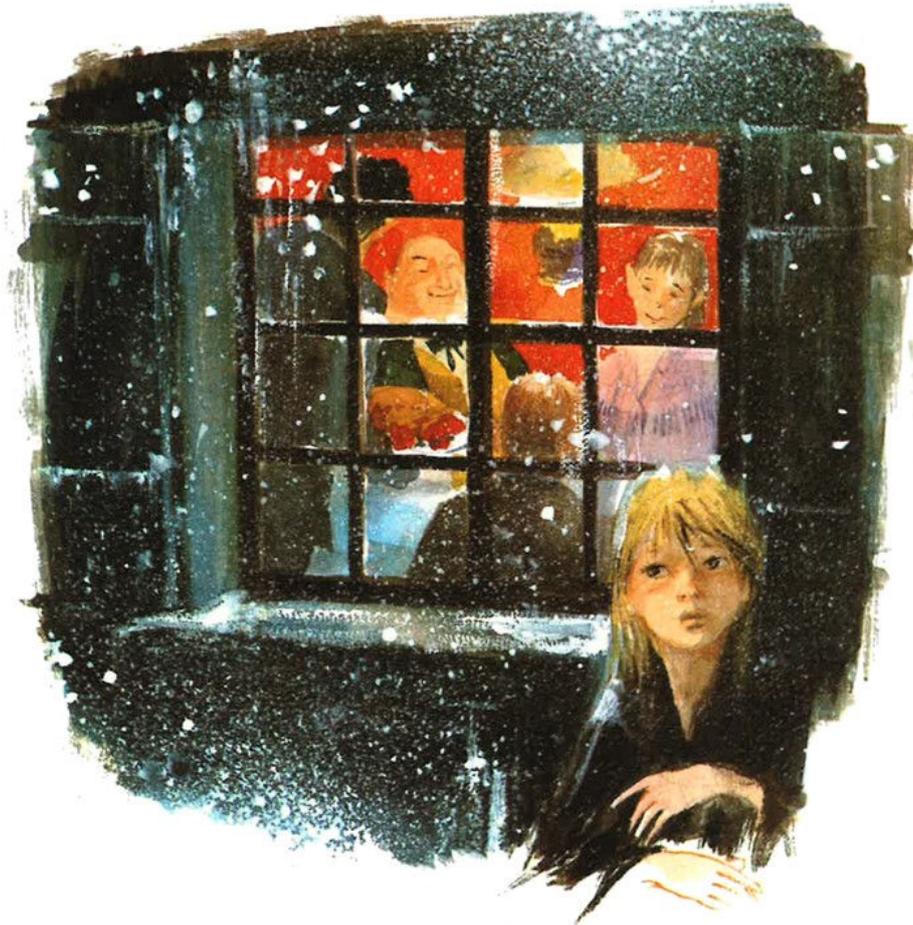
A Menina dos fósforos

Estava tanto frio! A neve não parava de cair e a noite aproximava-se. Aquela era a última noite de dezembro, véspera do dia de Ano Novo.

Perdida no meio do frio intenso e da escuridão, uma pobre menina seguia pela rua fora, com a cabeça descoberta e os pés descalços. É certo que ao sair de casa trazia um par de chinelos... Mas estes não duraram muito porque já tinham pertencido à mãe, e ficavam-lhe tão grandes que a menina os perdeu quando teve de atravessar a rua a correr para fugir de um trem. Um dos chinelos desapareceu no meio da neve, e o outro foi apanhado por um garoto que o levou. Ia fazer dele um berço para a irmã mais nova brincar.

Por isso, a menina seguia com os pés descalços e já roxos de frio. Levava no avental uma quantidade de fósforos, e estendia um maço deles a toda a gente que passava, apregoando: «Quem compra fósforos bons e baratos?»

Mas o dia tinha-lhe corrido mal. Ninguém comprara os fósforos, e, portanto, ela ainda não conseguira ganhar nada. Sentia fome e frio, estava muito pálida e tinha as faces encovadas. Pobre rapariga! Os flocos de neve caíam-lhe sobre os cabelos compridos e loiros, que se encaracolavam graciosamente em volta do pescoço magro. Mas ela nem sequer pensava nos seus cabelos encaracolados... Como era véspera de Ano Novo, olhava com tristeza para as luzes que adivinhava por detrás das janelas de cada casa e sentia o cheiro da carne assada que chegava até ela...



A dado momento, sentou-se no chão e encolheu-se a um canto de um portão. Sentia cada vez mais frio, mas não tinha coragem de voltar para casa. Não vendera um único maço de fósforos, nem uma só moeda podia apresentar, e o pai era capaz de lhe bater. E afinal, em casa também não havia calor. A família morava numa água-furtada, e o vento metia-se pelos buracos das telhas, apesar de terem tapado com farrapos e palha as fendas maiores.

Sentia as mãos quase paralisadas com o frio. Ah, como o calorzinho de um

fósforo aceso lhe faria bem! Se tirasse um, um só, do maço, e o acendesse na parede para aquecer os dedos?

Pegou num fósforo e *Fcht!*, a chama espirrou e o fósforo começou a arder! Parecia a chama quente e viva de uma candeia que logo tapou com a mão. Mas... que luz era aquela? De repente, a menina julgou que estava sentada em frente de um lindo fogão de sala que tinha um tapa-fogo de cobre reluzente. O lume ardia com uma chama tão intensa, e o calor sabia tão bem! E a menina estendia já os pés para se aquecer, quando a chama subitamente se apagou e o fogão desapareceu!

E então viu que estava sentada sobre a neve e que com a ponta do fósforo tinha queimado a mão.



Riscou outro fósforo, que se acendeu e brilhou, e o lugar em que a luz batia na parede tornou-se transparente como tule. E a menina viu o interior de uma sala de jantar: a mesa estava coberta por uma toalha branca, as loiças eram belas e mesmo no meio da mesa havia um ganso assado, com recheio de ameixas e puré de batata, que fumegava, espalhando um cheiro apetitoso. Subitamente, que surpresa e alegria! O ganso saltou da travessa e rolou para o chão até junto

da menina. Mas, mal o fósforo se apagou, a pobre só viu na sua frente uma parede negra e fria.

E acendeu um terceiro fósforo... Imediatamente se encontrou ajoelhada debaixo de uma enorme árvore de Natal. Era ainda maior e mais bela do que outra que tinha visto no último Natal, através da porta envidraçada, em casa de um rico comerciante. Milhares de pequenas velas ardiam nos ramos verdes, e figuras de todas as cores, como as que enfeitam as montras das lojas, pareciam sorrir para ela. A menina levantou ambas as mãos para a árvore, mas o fósforo apagou-se, e todas as velas de Natal começaram a subir, a subir... e ela percebeu então que eram apenas as estrelas a brilhar no céu.

Uma estrela maior do que as outras desceu em direção à terra,



deixando atrás de si um comprido rasto de luz.

«Foi alguém que morreu», pensou para consigo a menina. A avó, a única pessoa que tinha sido boa para ela, mas que já não era viva, dizia-lhe muitas vezes: «Quando vires uma estrela cadente, é uma alma que vai a caminho do céu.» Esfregou ainda mais outro fósforo na parede. Fez-se uma grande luz, e no meio apareceu a avó, de pé, com uma expressão muito suave, cheia de felicidade.

— Avó! — gritou a menina. — Leva-me contigo! Quando este fósforo se apagar, eu sei que já não estarás aqui. Vais desaparecer como o fogão de sala,

como o ganso assado, e como a árvore de Natal, tão linda...

Riscou imediatamente o punhado de fósforos que restava daquele maço, porque queria que a avó continuasse junto dela, e os fósforos espalharam em redor uma luz tão brilhante como se fosse dia. Nunca a avó lhe parecera tão alta nem tão bonita! Então, a avó tomou a neta nos braços e, soltando os pés da terra, no meio daquele esplendor, voaram ambas tão alto, tão alto, que já não podiam sentir frio, nem fome, nem desgostos. Tinham chegado finalmente ao reino de Deus.



No dia seguinte, quando rompeu a manhã gelada, junto do portão, estava caída uma menina, com as faces roxas, um sorriso nos lábios... Morta de frio na última noite do ano. O dia de Ano Novo nasceu, indiferente ao pequeno cadáver que ainda tinha no regaço um punhado de fósforos.

– Coitadinha, parece que tentou aquecer-se! – exclamou alguém.

Mas nunca ninguém soube quantas coisas lindas a menina tinha visto à luz dos fósforos, nem o brilho com que entrou, na companhia da avó, no Ano Novo.

Hans Christian Andersen
Os melhores contos de Andersen
Editora Verbo, s/d
(Adaptação)